

## HASSIS CONTESTADO

Fernando C. Boppré<sup>1</sup>

*“Pinto o que sei, não o que vejo”*

*Pablo Picasso*

### Hiedy, o Hassis

Hiedy de Assis Corrêa. Isso no começo, lá pelos anos 30 e 40. Depois bastava chamar por Hassis que ele aparecia. Pintando painéis, criando esculturas com restos de construção ou então pinturas em telas convencionais, eucatex, plásticos ou mesmo caixas de geladeira. Múltiplo: filmando em película ou em vídeo, fotografando, planejando e executando decorações de carnaval, criando símbolos, cartazes, logotipos, num tempo onde o termo *designer* era descabido. Onde houvesse superfície propícia e um tema para ser visualizado, lá estaria Hassis com seu traço.

Morto aos 75 anos de idade, desde os 11 anos, pelo menos, já desenhava com afinco. Foram mais de 60 anos dedicados ao desenho e à pintura – ele não gostava nenhum pouco da denominação “artista plástico”. Se na década de 30 e 40 seu desenho em papel estava mais voltado para temas de caráter universal, como a guerra, os personagens das histórias em quadrinhos, etc., gradativamente começa a trabalhar com assuntos relativos à paisagem e costumes locais. Eis que Florianópolis surge em seus pincéis<sup>2</sup>, com o mar, a gaivota, as bananeiras, os pescadores, o boi-de-mamão, a ponte Hercílio Luz, entre outros elementos referenciais.

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, cujo trabalho de conclusão de curso, intitulado *Hassis entre imagens ou A gaivota sempre está em movimento: Do desenho ao Super 8 em Hassis*, investigou a obra de Hassis. Atualmente trabalha com o arquivo e a pesquisa histórica da *Fundação HASSIS*, instituição criada pelas filhas do artista que zela pela preservação, catalogação e divulgação de sua obra.

<sup>2</sup> Expressão cunhada por Thaiana Zenari dos Santos, em seu trabalho de conclusão de curso em História, defendido no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado *Hassis: Florianópolis em seus pincéis*.

Isso não representa, contudo, uma exclusiva preocupação de Hassis com assuntos locais. No mesmo ano em que participava do segundo Salão do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis<sup>3</sup>, em 1959, também se dedicava ao estudo de abstrações com as cores. Além disso, fazia desenhos relatando suas viagens, principalmente, à Região Serrana de Santa Catarina. O conjunto de sua obra aponta para uma série experimentações com temas, técnicas e suportes, numa intensa e constante pesquisa visual.

### **A formação de Hassis**

Nascido em 1926, na cidade de Curitiba, Paraná, Hiedy de Assis Corrêa chega a Florianópolis com dois anos idade, onde fixa residência. Coincidência ou não, Hassis também transitaria entre as fronteiras contestadas uma década antes de seu nascimento.

Tendo o pai falecido muito cedo, Hiedy logo ingressa na Academia de Comércio e, concomitantemente, passa a trabalhar como desenhista de uma empresa contratada pelo Governo do Estado para fazer um levantamento topográfico completo da Ilha de Santa Catarina. É incomensurável a vivência e inspiração que Hassis possa ter assimilado ao longo desses anos, observando recantos do interior da Ilha, os modos de vida local, a economia, costumes, etc.

Após quatro anos e já formado na Academia de Comércio, no período entre 1948 a 1957, passa a trabalhar na *Madeira Santo Amaro*, participando ativamente tanto no serviço de estiva do porto de Florianópolis quanto no transporte rodoviário para as serrarias do interior do Estado. Essa experiência também seria decisiva na formação de Hassis e se refletiria em sua obra, tanto que na primeira página de *Contestado*, de 1984, escreve: “Fontes utilizadas: 1954/57 – HASSIS – URUBICI, SÃO JOAQUIM, LAGES – História contada pelos cablocos lenhadores descendentes de famílias vindas do Contestado”.

---

<sup>3</sup> O Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis – o GAPF – cujo primeiro salão ocorrera em 1958, surgira, entretanto, um ano antes, em 1957. Neste mesmo ano, Hassis realizara uma exposição no Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU), em parceria com Meyer Filho. Esta exposição é tomada como precursora do GAPF, pois seriam Meyer (que presidiria o Grupo) e Hassis quem articulariam as primeiras investidas do Grupo. Juntar-se-iam a Meyer e Hassis, Tércio da Gama, Pedro Paulo Vecchietti, Hugo Mund Júnior, Aldo Nunes, Thales Brognoli, Dimas Rosa e Rodrigo de Haro. O GAPF – jamais tendo trabalhado em qualquer tipo de ateliê coletivo e cuja própria noção de “grupo” seria relativizada por Hassis – é considerado o precursor do

Relativo ao Contestado, seria decisiva também a influência de seu avô paterno. Benedicto de Assis Corrêa, natural do estado de Goiás, engajara-se na carreira militar após abandonar o seminário. Pouco a pouco, prospera na hierarquia militar, sendo que em agosto de 1912 assume o comando das Fortalezas de Naufragados e Araçatuba, em Florianópolis. É justamente neste ano que o Exército brasileiro engendra as primeiras manobras visando a repressão do movimento político e religioso que agitava o meio-oeste catarinense.

Deste modo, segue em expedição ao interior do Estado para tomar parte daquilo que se tornaria conhecido por Guerra do Contestado. Não se passara muito tempo desde 1897, quando Benedicto combatera na Guerra de Canudos. Desta vez, em Santa Catarina, deparava-se com um novo reduto: “(...) onde mais uma vez teve oportunidade de manifestar-se oficial bravo, inteligente e calmo”<sup>4</sup>, segundo o Major Edgard Eurico Daemon.

Tem-se ainda conhecimento, a partir do Capitão Adalberto Gonçalves de Menezes, que participara ativamente do combate de Taquaruçú: “O Segundo Tenente Benedicto de Assis Corrêa infatigável nas marchas atendendo sempre o seu pelotão nos diferentes serviços, desenvolvendo uma grande actividade nos serviços de segurança, foi de uma bravura digna de encomios por ocasião do combate, quer guarnecendo no flanco esquerdo a metralhadora que enfrentava o reducto, quer guarnecendo a que se achava na collina, donde foi metralhada a casa do chefe dos fanaticos Praxedes”<sup>5</sup>.

Benedicto de Assis Corrêa, portanto, presenciara dois dos mais importantes conflitos da história da República. Faleceria em fevereiro de 1957, em Curitiba. Hassis, certamente, recolhera a partir das lembranças de seu avô, diversos relatos que se tornariam fontes para a elaboração de seus trabalhos sobre o Contestado, como escreve ainda na introdução do trabalho: “Fontes utilizadas: década 40/50: Meu avô, CAP. BENEDITO DE ASSIS CORRÊA: ‘Em 1912 tomou parte da campanha do Contestado, controversa questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, que degenerou em combate armado e organizado. Ao lado do gen. Mesquita, lutou no reduto de Santo Antônio, assumindo o comando do 16º Batalhão de Infantaria por ocasião da morte de Matos Costa. Pouco depois como 2º tenente,

---

modernismo nas artes plásticas em Florianópolis, dando continuidade ao processo instaurado uma década antes pelo Grupo SUL, no campo da literatura.

<sup>4</sup> CORRÊA, Eremir Bley. **Memorial de família**. Curitiba: ed. do autor, 1995. p. 34

<sup>5</sup> Idem, p. 34

comandou todas as forças em operação na região do Contestado, e a praça de União da Vitória. Exercia então uma função privativa de general, em que foi sucedido por Setembrino de Carvalho, um dos militares mais celebrados da República. Normalizada sua via militar, em 1915, foi promovido ao posto de 1º tenente, sendo reformado, 3 anos mais tarde no posto de Capitão' O ESTADO DO PARANÁ, 20 de março de 1957”.

Além dos relatos orais, Hassis recolhia – conforme seu característico esforço arquivístico – diversos recortes de jornais, mapas e materiais que tratassem do assunto. Outrossim, acompanhava de perto a produção bibliográfica sobre o Contestado. Em sua biblioteca encontravam-se mais de quinze títulos acerca do tema, entre eles destacam-se *Messianismo e conflito social*<sup>6</sup>, de Maurício Vinhas de Queiroz, *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabloca*<sup>7</sup>, de Marli Auras, *Contestado*<sup>8</sup>, de Alcebíades Miranda, *A aviação militar no Contestado*, de Nilson Thomé<sup>9</sup>, sem falar naqueles em que participara diretamente da edição, colaborando com a capa ou ilustrações.

Com este último, formaria uma estreita parceria com o trabalho *Contestado*. Em 1984, idealizam a produção conjunta de um livro didático, com desenhos de Hassis e textos de Nilson Thomé. Ao total são 78 desenhos, em nanquim sobre papel, representando a Guerra do Contestado. Thomé elaborou as legendas correspondentes a cada desenho.

Em verdade, os desenhos foram, como o próprio Hassis anotara, estudos para o painel que realizaria no ano seguinte, em 1985. Este último, atualmente instalado no Museu do Contestado, em Caçador (SC), foi uma das maiores realizações de Hassis. Concebida em sete painéis, totaliza 12,60 metros de largura por 2,75 de altura. Nela, Hassis não se contém a um quadro, muito menos em uma tela. Aumenta a superfície onde a tinta é aplicada, superlativo onde os personagens podem encenar a Guerra do Contestado. Harry Laus, em texto do catálogo da exposição que apresentara a obra ao público no Museu de Arte de Santa Catarina, diz que Hassis “(...) garante a permanência visual de importante fato histórico brasileiro”.

---

<sup>6</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**. São Paulo: Ática, 1977.

<sup>7</sup> AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabloca**. Florianópolis; São Paulo: Assembléia Legislativa; Cortez Editora e Livraria, 1984.

<sup>8</sup> MIRANDA, Alcebíades. **Contestado**. Curitiba: Litero-técnica, 1987.

<sup>9</sup> THOMÉ, Nilson. **A aviação militar no Contestado**. Caçador, SC: Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, 1985.



Hassis em seu ateliê, em Florianópolis, pintando o painel *Contestado – Terra Contestada*, em 1985.

### **A memória visual: a História em imagens**

É acerca dessa memória visual criada pelo artista que gostaríamos de nos deter. Hassis era, por excelência, um artista da imagem. Ao longo da vida, como citamos no começo do texto, exercitou as mais diversas modalidades das artes visuais. Além disso, sua carreira profissional na Universidade Federal de Santa Catarina, a partir da década de 60, foi inteiramente dedicada ao cargo de desenhista, culminando com a criação do painel *Humanidade*, entre os anos de 1978 e 1979, nas paredes da Igrejinha da Trindade.

Seja em sua obra ou no exercício profissional, Hassis trabalhava o traço, a composição de representações visuais. Outrossim, ao retornar ao passado o que lhe surgia à mente eram imagens. Em um trabalho de conclusão de curso em História sobre a mesma Igrejinha da Trindade, Clóvis Werner realizou uma extensa entrevista com Hassis uma vez que ele residira nas proximidades da Igrejinha na década de 30 e 40. O que se destaca, é a impressionante capacidade de Hassis de retomar suas lembranças visualmente. Logo ao começo, avisa: “(...) eu quero fazer isso, ilustrando, estás entendendo?”, sendo que em

seguida Werner tem que alertá-lo: “Mas tu vais falando também porque o gravador não pega o desenho”<sup>10</sup>.

O resultado é um trabalho de conclusão de curso repleto de anexos com os desenhos realizados por Hassis durante e mesmo depois da entrevista. É como se a palavra não bastasse, como que se as coisas tivessem que ser retomadas pelo traço, por imagens ou por uma seqüência delas. Ele mesmo confessaria: “(...) eu tenho memória fotográfica muito boa, eu sou meio burro para certas coisas para guardar nomes, mas visualmente, de gravar coisas, eu gravo”<sup>11</sup>.

Da mesma forma, Hassis assim retornaria ao Contestado. Picasso, que por sinal era a maior referência de Hassis na pintura, certa vez dissera: “Pinto o que sei, não o que vejo”. Esse “saber”, evocado por Picasso, é proporcionado por uma memória também visual. Mesmo que não tenha presenciado o conflito, ele manteve contato acerca do Contestado a partir de relatos, conversas, leituras e mesmo filmes de cinema que foram assimilados e reapresentados imgeticamente pela sua criação artística. O artista moderno, para Baudelaire, por excelência “(...) desenha a partir da imagem inscrita no próprio cérebro, e não a partir da natureza”<sup>12</sup>. Hassis comporia tempos e espaços que diziam respeito sobretudo, a sua memória e no diálogo que ela mantinha com os problemas do presente.

### **Os painéis e murais em Hassis**

Tratamos, brevemente, do painel realizado por Hassis em 1985, intitulado *Contestado – Terra Contestada*. Este trabalho, junto aos comentados desenhos de *Contestado*, fazem parte do conjunto de fontes surgidas sobre o assunto ao longo da gestão de Esperidião Amim como governador do Estado de Santa Catarina. A série de estudos para o painel do Contestado é realizada em 1984, mesmo ano em que é editado pelo Governo do Estado o *Cadernos da Cultura Catarinense – Aspectos do Contestado*<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> WERNER, Clóvis. **Memória e patrimônio cultural: Lembranças de um artista. Um exercício de justificativa para a preservação da antiga Igrejinha da Trindade.** Trabalho de conclusão de curso. Florianópolis: UFSC, 1993. p. 26.

<sup>11</sup> Idem, p. 72.

<sup>12</sup> BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 30.

<sup>13</sup> *Cadernos da Cultura Catarinense – Aspectos do Contestado.* Julho a setembro, nº 00, 1984.

Hassis participaria da publicação com duas ilustrações extraídas de *Contestado*. No ano seguinte, também a convite do Governo do Estado, o painel *Contestado – Terra Contestado* seria apresentado ao público no Museu de Arte de Santa Catarina, juntamente aos 78 estudos, tendo a abertura contado com a presença do governador.

Não se tratava, todavia, do primeiro painel ou mural<sup>14</sup> realizado por Hassis. Já em 1957, por exemplo, encontramos alguns estudos de Hassis cujo tratamento formal dialogava com a estética de seus futuros murais. Em “*Cana*”, desenho em folha de papel e nanquim, há um *texto* que deve ser contado.



1957 (49 X 33 cm)

O que é apresentado neste quadro, o *texto* que o norteia, é o processo de produção da cana de açúcar. Para tanto, uma única ação não basta, são necessárias quatro cenas: a) à esquerda, homem corta cana, tendo abaixo dos pés tocos já cortados; b) ao centro e ao fundo, ele a amarra; c) à direita, a carrega; d) à extrema direita, há ainda o carro de boi com canas já depositadas (está é a quarta cena, hipotética, pois mostra que boa parte da cana já foi depositada). Em verdade, existem quatro planos que trabalham com um gesto/ação sintético(a) capaz de transmitir a idéia do cortar, amarrar, carregar e depositar, ou seja, o trabalho envolvido no consumo da cana. Hassis solucionou “*Cana*” criando quatro zonas de ação numa mesma folha de papel, não chegando a desmembrar a cena em uma série de quatro imagens por exemplo (tão comum em sua obra).

O que chama a atenção e nos leva a retomar este longínquo trabalho da década de 50 é a natureza do problema plástico e narrativo que o artista enfrentava já naquele momento. Hassis tem que solucionar determinada narrativa em apenas um quadro, mesmo que se tratasse de ações variadas (cortar, amarrar, carregar, depositar, são quatro verbos que facilmente poderiam ter resultado em quatro quadros), principalmente, nos painéis e murais. Em um estudo para mural, intitulado *A Economia de SC*, de 1960, ele novamente distribui várias cenas numa mesma superfície. Cada um poderia compor uma pintura em separado: o homem carpindo, a mulher semeando, o operário na caldeira, os estivadores no cais. Contudo, trata-se de apenas uma unidade pintada que conjuga o caráter grandioso do mural à variedade da economia catarinense. Hassis a reúne em apenas uma unidade que é o mural que, por si só, possui uma característica que é a de prover o espectador de certa liberdade no olhar. Geralmente, diante de uma pintura de grandes dimensões, podemos deter nossos olhos aqui ou acolá, dependendo do aspecto que nos interessa. Hassis exploraria inúmeras vezes esse princípio de “olho móvel” do espectador diante de sua obra.

No painel *Contestado – Terra Contestada*, os personagens aparecem num primeiro plano, distribuídos ao longo dos mais de dez metros de cena com suas máscaras, armas, com a cruz, homens santos, entre outros símbolos. O próprio Hassis tratou de organizar a narrativa em quatro etapas, conforme datilografara: “1ª parte: chegada do monge João Maria e sua pregação junto a irmandade cabloca; 2ª parte: chegada do trem, posse da terra, expulsão do cabloco, mercenários, morte, do índio e cabloco, desmatamento; 3ª parte: vinda de José Maria, o novo messias, consolo do cabloco, doze pares de França, mediador Frei Rogério, os pelados; 4ª etapa: batalha de Irani, morte de José Maria, Cel. João Gualberto, massacre de Taquaruçu, Caraguatá e outros redutos”.

No painel desfilam mais de quatro anos de história, organizados numa mesma superfície, efetuando uma síntese espaço-temporal, compondo uma narrativa (neste caso histórica) acerca do conflito. Não por acaso, talvez, Hassis ensaiara a realização deste painel nos 78 desenhos que compõem a série *Contestado*. Ao contrário do mural, uma série “(...) no estado elementar, trata-se simplesmente de realizar, de um tema dado, várias imagens – várias tomadas de cena –, em instantes mais ou menos claramente distintos”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Consideramos *painel* o trabalho cujo suporte é a tela, o eucatex, entre outros. O *mural* corresponde à pintura sobre a parede ou qualquer superfície exterior anteriormente existente a confecção dele próprio.

<sup>15</sup> AUMONT, Jacques. *O Olho Interminável [cinema e pintura]*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 94.



## As séries

Em seu acervo, podemos encontrar mais de 30 séries realizadas por Hassis. Por vezes, bastam oito quadros, como em *Uma Procissão*, de 1966. Outras vezes, os quadros se multiplicam, como em *Contestado*. As séries, portanto, seriam justamente um movimento oposto àquele realizado por Hassis nos murais. Nelas, Hassis não se contém em apenas uma unidade. Estende-se em várias outras, como que desconfiado da possibilidade de apenas um instante realmente contar o que deseja:

“É justamente uma certa desconfiança do puro instante que pode ser lida em diversas tentativas para registrar, inscrever o tempo de outro modo. Incapaz de fixar a duração – a não ser no tremido fotográfico, que só restitui um vestígio ilegível, por muito tempo vivido, já disse, como acidente e como defeito –, a imagem representativa pareceu, às vezes, encontrar seu sucedâneo na multiplicação dos instantes. Esse paliativo revestiu-se, na história da pintura, de formas bem variadas, mas que giram todas em torno de duas técnicas: a série e a colagem.”<sup>16</sup>

Nas séries, a participação do espectador não cessará. Pelo contrário, atingirá um outro nível cognitivo. É isso que anota Jacques Aumont ao pensá-las ao longo da história da pintura: “(...) o que se produz, *em primeiro lugar*, em uma série de imagens diferencialmente articuladas é, simplesmente, o *efeito de diferença*: um efeito *cognitivo*, quase consciente, que consiste na reconstrução, pelo espectador, daquilo que ‘falta’ entre as imagens”<sup>17</sup>.

Em *Contestado*, Hassis trabalha com 78 planos que se encadeiam de maneira cronológica: desde o começo dos caminhos das tropas, da conquista dos campos até a morte de Adeodato em tentativa de fuga do presídio do Estado. Além do encadeamento temporal linear, há ainda uma dualidade que acompanha toda a série: a oposição entre tropas federais

---

<sup>16</sup> Idem, p. 94.

<sup>17</sup> Ibidem., p. 95.

e “jagunços”. Ambos só aparecem num mesmo quadro quando eclode um conflito ou se arma uma emboscada.

Assim como em *Contestado – Terra Contestada*, há todo um esforço narrativo ao longo dos desenhos que chega a ser tão didática que há, ainda, uma legenda inscrita em cada desenho, realizada pelo pesquisador Nilson Thomé. Dificilmente Hassis acrescentava legendas a seus trabalhos, mas a questão narrativa – e mesmo pedagógica, haja vista a intenção de se publicar um livro didático – deste era tão explícita que elas surgiam com a função de esclarecer exatamente o espaço e o tempo onde se passa a cena, além dos personagens que a protagonizam, sem deixar margens para dúvidas.

Não se trata, portanto, de uma livre interpretação sobre o Contestado, mas sim de uma verdadeira síntese visual obtida a partir de relatos orais, recortes diversos, vasta bibliografia, além do intenso diálogo com uma autoridade no assunto. Nos dois trabalhos aqui apresentados, Hassis se volta para uma narrativa histórica-iconográfica munido de uma parte com uma amplidão de fontes sobre o tema e, de outra, do incentivo oficial por parte do Governo do Estado de Santa Catarina.



Hassis em Canoinhas, SC, um ano antes de seu falecimento, em 2000.